

# PRÉ-NAÇÃO: REPENSANDO A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EM *O URAGUAI*

**Adriana de Oliveira Alves Corrêa**

Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

adriana\_alves\_letras@hotmail.com

## RESUMO

O conhecimento sobre a população indígena do Brasil tem como principais fontes textos escritos pelos portugueses e por não indígenas brasileiros. Por isso, este trabalho objetiva discutir e analisar o modo como é representada a imagem do índio a partir do poema épico *O Uruguai* (Basílio da Gama), escrito em um período anterior à construção do Brasil enquanto nação. Para o desenvolvimento da análise proposta, discutimos, brevemente, a respeito da necessidade de revisitar e revisar obras ditas canônicas a fim de compreender a contemporaneidade e suas significações sociais imaginárias. Com isso, compreendemos que a obra árcade parece ser extremamente atual, pois a imagem idealizada dos indígenas foi retomada pelos movimentos literários posteriores.

**Palavras-chave:** Pré-nação; representação; indígena.

## RESUMEN

El conocimiento sobre la población indígena de Brasil tiene como fuentes principales, textos escritos por los portugueses y no por indígenas brasileiros. Por eso, este trabajo objetiva discutir y analizar el modo como es representada la imagen del indio a partir del poema épico *O Uruguai* (Basilio da Gama), escrito en un periodo anterior a la construcción de Brasil en cuanto nación. Para el desarrollo del análisis de la propuesta, discutimos, brevemente, al respecto de la necesidad de revisitar y revisar dichas obras canónicas a fin de comprender la contemporaneidad y sus significaciones sociales imaginarias. Con esto, comprendemos que las obras antiguas parecen ser extremamente actuales, pues la imagen idealizada de los indígenas fue retomada por lo movimientos literarios posteriores.

**Palabras-clave:** Pre-nación; representación; indígena.

## Considerações iniciais

Pode-se considerar que o conhecimento a respeito da população indígena que compõe a sociedade brasileira vem, em grande parte, da herança deixada pela metrópole portuguesa. Durante o período das grandes navegações foram registradas pelas letras o choque decorrente do encontro intercultural, discursos esses – que se deram de modo hierárquico pelos portugueses – foram retomados em novas produções literárias ao longo do tempo.

Com isso, a representação do índio foi sofrendo algumas metamorfoses, na maioria das vezes de forma negativa ou com certa falsa simpatia, mesmo em momentos em que uma parcela significativa da crítica literária afirme ter havido a sua valorização: é o caso da estética Romântica, com suas narrativas indianistas. Todavia, para compreender esse fluxo de pensamento, faz-se necessário refletir sobre como é visto o índio na produção literária anterior à constituição da nação, e verificar se as caracterizações elaboradas nesse período, de alguma forma, antecipam elementos utilizados na construção da imagem do indígena na estética romântica, o qual passa a ser incluído na gênese do povo brasileiro.

Este trabalho tem, portanto, a intenção de debruçar um olhar diferente sobre a obra *O Uruguai*, do escritor setecentista Basílio da Gama, buscando uma ótica livre de pensamentos coloniais ao apontar elementos importantes relacionados à criação da imagem do índio e ao modo como ela é exposta na obra em questão.

### 1. Revisitando *O Uruguai*

A proposta de olhar novamente é uma tentativa de se aproximar de outro tempo de escrita que seja capaz de inscrever as ambivalências de tempo e lugar que constituem a problemática experiência moderna da nação ocidental, conforme preconizado por Homi Bhabha (1998). Isso porque, conforme enfatiza Thomas Bonnici (2000), a literatura brasileira é ainda pouco analisada por meio de uma visão pós-colonial, porém essa forma de estudo pode ajudar a modificar a imagem negativa ou estereotipada que os indígenas possuem e que estão incrustadas em nosso imaginário, contribuindo para que sua imagem seja deslocada de uma função/papel de objeto por meio da revisão crítica.

Bonnici (2000, p. 266) explica que há uma reação nativa, da segunda geração dos colonos, que consegue superar o hiato provocado pelo deslocamento linguístico da língua e da literatura. Segundo o pesquisador, ocorre uma liberação de dos valores estéticos e sociais, das limitações formais e históricas do gênero e da dominação política ligados à metrópole. Ele acredita que isso foi possível pelo uso de categorias nativas – como o uso de vocabulário para descrever a fauna e condições geográficas brasileiras – a fim de questionar e subverter em suas formas culturais.

É notório que esse fazer literário pontuado por Bonnici apresente certa originalidade e características diferentes das produções artísticas portuguesas. No entanto, parece que o teórico se mostra bastante otimista ao defender que essas diferenças formais e descrições da fauna e da flora tenham forças capazes de subversão no aspecto cultural. Isso porque as obras literárias brasileiras escritas por não-índios que abordam a temática indígena tentam estabelecer alteridade e oposição à cultura colonizadora. Ocorrendo, assim, uma representação da imagem e do pensamento

indígena em conformidade com as ideologias de determinado literato – interesses esses merecem ser investigados.

Em seu estudo, Bonnici (2000, p. 268) reconhece que nos dois primeiros séculos da colonização, a população de tribos indígenas, índios semi-escravizados, negros escravizados e alguns mulatos livres não possuíram voz, ao considerar o registro das letras. Gayatri Chakravorty Spivak (2010, p. 31 e 126) defende a noção de que os subalternos não podem falar por si mesmos. A teórica explica que a representação pode acontecer de dois modos, no “falar por”, como na política, e na “re-presentação”, como aparece na arte e na filosofia. Isso reforça o argumento de que a subversão literária brasileira desse período pode ter iniciado mudanças significativas no aspecto formal e na temática, porém sem grande impacto cultural. Entretanto, isso pode acontecer com releituras e revisão dos textos que tem, por exemplo, como tema o aborígene. Sobretudo, faz-se importante a problematização da representação indígena nos cânones.

Em consequência do silenciamento e da carência da possibilidade do diálogo das culturas indígenas com a população brasileira, em um plano geral, foram circuladas distorções sobre esses povos que, ainda, permanecem no inconsciente nacional. Terry Eagleton (2005, p. 81) explica que essa subjugação vem da defesa de uma certa civilidade contra formas novas entendidas por barbarismo. O que pode também ser vista como a polaridade entre Cultura, do colonizador\dominante, e cultura, culturas nativas.

Complementando, José Otávio Marcondes (2005, p. 44) afirma que existiu uma resistência considerável dos indígenas à presença dos colonizadores, muito embora os brancos possuíssem uma vantagem em armas e táticas militares – além disso, acrescenta-se a vantagem da escrita. Essa resistência não foi muito divulgada nas primeiras letras que traziam informações sobre os povos nativos brasileiros. Esses textos escritos,

predominantemente cartas e crônicas, construíram uma imagem do índio como selvagem, primitivo e atrasado.

Lúcia Bettencourt (1994, p. 39-40) defende a importância da *Carta* escrita por Pero Vaz de Caminha, pois é o único documento do período a registrar a chegada dos portugueses ao Brasil. A pesquisadora afirma que Caminha, em sua posição privilegiada de testemunha ocular, cria um novo mundo a partir da escritura da carta. Por sua vez, Eneida Leal da Cunha (2006, p. 122) afirma que o texto informativo – destinado ao Rei de Portugal – criou representações plásticas que proliferaram e circularam uma imagem congelada dos índios. A cena da primeira missa cria uma identidade histórica e cultural brasileira, a noção de uma origem de dependência. E essa cena foi sendo repetida ao longo do tempo em diversos ângulos, com o objetivo de corroborar, complementar, questionar ou reverter certas representações.

Como já dito, o enfoque nesta pesquisa está nas imagens literariamente construída dos indígenas do século 18, em especial pelo texto épico de Basílio da Gama, publicado em 1769. Existiu um fato histórico que inspirou e deu base ao desenvolvimento desse poema: a cisão entre os dois grandes poderes: Igreja e Estado, tendo como símbolo a expulsão da Companhia de Jesus realizada sob o comando de Marquês de Pombal, governante português seguidor de preceitos iluministas.

Em notas de rodapé, Alfredo Bosi (2006, p. 64-65) informa que José Basílio da Gama (1741-1795) – natural de Tiradentes, Minas Gerais – foi estudante jesuíta quando a expulsão dos padres o atingiu. Em função disso, o escritor viaja para Portugal para obter proteção do Marquês de Pombal. Em troca do favor, Basílio da Gama escreve *O Uruguai* como prova de sua subserviência ao “déspota ilustrado”. É perceptível logo no início da obra a dedicatória ao “Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Oeiras” (GAMA,

2014, p. 1). Em contrapartida, Antonio Candido (2007, p. 7) acredita que o poeta, no fundo, não simpatiza com a guerra e quase justifica o inimigo – que não deixa de tratar como vítima – e lamenta a crueldade da razão do Estado.

Ainda, Bosi (2006, p. 64-65) afirma que o poemeto épico tenta conciliar a louvação de Pombal e o heroísmo do indígena e apresenta um posicionamento aberto do escritor contra os religiosos. O teórico ilustra tal afirmação com a passagem em que Lindóia é conduzida pela feiticeira Tanajura até uma gruta para ter uma visão de futuro: Lisboa reconstruída por Marquês de Pombal após o terremoto que assolou a localidade. Ademais, há passagens em que o déspota surge caminhando pelos espaços reconstruídos, apontando para os prédios e a cidade se reerguendo: “Por onde quer que ele encaminha os passos” e com “só a um seu aceno [...] Nasce Lisboa de entre as cinzas – glória/Do grande conde [...]” (GAMA, 2014, p. 21).

Cunha (2006, p. 23 e 57) argumenta que é possível, no texto, a leitura da Igreja como símbolo representante da Companhia de Jesus, que de fato atuou nas terras brasileiras, e do Estado como representante da Coroa Portuguesa. Em *Estampas do imaginário*, a autora discorre acerca da troca do nome desse país de Terra de Vera Cruz, de escolha religiosa, para somente Brasil, nome da árvore que gerou frutos econômicos para Portugal. A cisão pode ser perfeitamente percebida nesse pequeno ato, que ilustra a clara passagem de uma administração baseada em preceitos religiosos para somente um enfoque em elementos econômicos.

É importante destacar também que Uruguai, que dá título à obra de Basílio da Gama, é o nome de um rio situado na fronteira do Brasil com Argentina e Uruguai – territórios de colonização espanhola –, o que remete ao contexto de redefinição, pelo Tratado de Madri (1700), das fronteiras anteriormente estabelecidas pelo Tratado de

Tordesilhas. Com isso, a Colônia dos Sete Povos das Missões – e os índios que a integravam – passariam a se submeter ao domínio português, o que não se daria de forma tão fácil, uma vez que, apoiados pelos jesuítas, os índios seriam incentivados a resistir.

Com isso, Cunha (2006, p. 29) parece defender a busca de compreensão da história contemporânea com as significações sociais imaginárias; que podem ser retomadas, alteradas, rasuradas e/ou invertidas. Desse modo, a releitura de *O Uruguai* – considerando que foi redigida a partir da ótica de um não índio brasileiro e de acordo com os interesses dos representantes portugueses – pode suscitar novas possibilidades de compreensão acerca da construção da imagem do indígena ao longo da literatura.

Ainda, sobre a questão do imaginário, João Alexandre Barbosa (1980, p. 79) acredita que o índio deu suporte mítico em torno do real para a elaboração de símbolos de um verdadeiro sistema de arte literária brasileira, ressaltando as modificações de acordo com os padrões estéticos oriundos dos padrões europeus. O teórico defende que há seis fases distintas da evolução do tema do índio na Literatura Brasileira: a barroca, a arcádia, a romântica, a parnasiana, a modernista e a pós-modernista – observa-se que, na última evolução citada pelo autor, há o crescimento de textos de autoria indígena.

Ademais, Barbosa (1980, p.82-83) complementa que *Uruguai* é a primeira obra em língua portuguesa em se substitui os pastores da poesia bucólica pelo selvagem. Ele esclarece que é no lirismo e na idealização em que aborda a personagem Cacambo que, no século XIX, será o eixo do indianismo alencariano.

## 2. O silêncio do nativo em *O Uruguai*

O poemeto de Basílio da Gama – como dito anteriormente –, segundo Alfredo Bosi (2006), tenta conciliar a louvação de Pombal com o heroísmo do indígena de modo a construir a imagem de vilão associada ao jesuíta, que é apresentado como um inimigo. Já Antonio Candido (2007, p. 8) afirma o desejo de Basílio da Gama de celebrar uma guerra destruidora e justificar o jesuíta como inimigo. Ambas as afirmações, no entanto, são passíveis de questionamentos, uma vez que desconsideram o fato de que *O Uruguai* vai apresentar um modo de crença e de atitude dos jesuítas em relação aos indígenas pleno na tirania, sem dimensão positiva alguma, desembocando na visão maniqueísta de bem e de mal. Além disso, apresenta a figura do índio como inocente, incapaz de perceber as reais intenções dos religiosos, bem como o olhar “amigo” daqueles que serviam ao rei de Portugal:

Do tirano domínio destes climas,  
De que vossa inocência os fez senhores.  
Dizem-vos que não tendes rei? Cacique,  
E o juramento de fidelidade?  
Porque está longe, julgas que não pode  
Castigar-vos a vós, e castigá-los?  
Generoso inimigo, é tudo engano (GAMA, 2014, p. 11).

“É tudo engano”: os jesuítas são descritos como aqueles que mentiam em plenitude, os indígenas como seres passivos e manipuláveis e o Estado como o amigo que desmente e profere as verdades. É um erro pensar o nativo como inimigo, como também é duvidosa a suposta bondade daquela voz que tenta alertar os índios dominados sobre o perigo que os jesuítas representam. No entanto, são essas as representações que a obra de Basílio da Gama constrói e dissemina.



O que o texto pretende apontar é que os inimigos de fato eram os que detinham o poder do evangelho. Esses eram as reais ameaças ao desenvolvimento econômico que Portugal desejava para si. Os índios, inocentes e passivos, surgem como meras vítimas nas mãos dos protetores errados:

Notava o General o sítio forte,  
Quando Meneses, que vizinho estava,  
Lhe diz: Nestes desertos encontramos  
Mais do que se esperava, e me parece  
Que só por força de armas poderemos  
Inteiramente sujeitar os povos.  
Torna-lhe o General: Tentem-se os meios  
De brandura e de amor; se isto não basta,  
Farei a meu pesar o último esforço.  
Mandou, dizendo assim, que os índios todos  
Que tinha prisioneiros no seu campo  
Fossem vestidos das formosas cores,  
Que a inculta gente simples tanto adora.  
Abraçou-os a todos, como filhos,  
E deu a todos liberdade. Alegres  
Vão buscar os parentes e os amigos,  
E a uns e a outros contam a grandeza  
Do excelso coração e peito nobre  
Do General famoso, invicto Andrade (GAMA, 2014, p. 8).

A passagem é bastante significativa, pois nota-se a atitude paternalista do General Andrade. Embora ele afirme que trata os índios como filhos, observa-se que eles estavam numa situação semelhantes aos de prisioneiros, além de serem sujeitados por força de armas. Há uma supressão da violência para evidenciar interesses maiores ditos por Basílio da Gama como “ato de amor” do General pelos povos incultos. Ainda que haja sacrifício de vidas indígenas, aquele que conduz a narrativa afirma a existência do sentimento de alegria dos nativos pela figura e presença do General.

Ao final da obra, por sua vez, as imagens sagradas destruídas representam a expulsão da Companhia de Jesus e vitória por parte de Marquês de Pombal, representante da coroa portuguesa. Nesse contexto, observa-se a representação dos índios como vencidos/caídos no chão. Sugere-se que, talvez, o indígena ainda não tenham deixado esse papel de derrota na contemporaneidade:

Dos pobres índios, e no chão caídos  
Fumegavam os nobres edifícios,  
Deliciosa habitação dos padres.  
Entram no grande templo e vêm por terra  
As imagens sagradas. [...] (GAMA, 2014, p. 29).

Em análise do contexto colonial, Antonio Candido (2007, p. 16) afirma que, a partir do tratamento literário, o índio e a natureza eram postos numa espécie de integração ao mundo americano e à expressão culta das fontes civilizadoras, sublimando o esmagamento das culturas locais. O que de fato ocorre é então uma tentativa de silenciamento de acontecimentos e sua naturalização, como, por exemplo, a justificativa para a realização da expulsão dos jesuítas e até mesmo o modo como foi dirigida a colonização no Brasil. Sobre esse tratamento literário, Bonnici (2000, p. 271) alega que os índios vencidos são exaltados em seu heroísmo, bravura, persistência e prudência, afirmação que corrobora o pensamento de Bosi já exposto neste trabalho.

No entanto, ao lermos o texto de Basílio da Gama, percebemos a contradição entre a afirmação do suposto heroísmo com que o índio é qualificado pelos teóricos e as representações repletas de estereótipos que subalternizam o indígena:

Qual fera boca de libréu raivoso  
De lisos e alvos dentes guarnecida,

De agudas baionetas rodeada. [...]  
Nuvens de índios, e a vista duvidava  
Se o terreno os bárbaros nasciam. [...]  
E sobre os nossos cada qual encurva  
Mil vezes, e mil vezes sota o arco,  
Um chuva de setas despedindo.  
Gentil mancebo presumido e néscio,  
A quem a popular lisonja engana,  
Vaidoso pelo campo discorria,  
Fazendo ostentação dos seus penachos.  
Impertinente e de família escura. (GAMA, 2014, p. 12-13).

Atentemos para as adjetivações: raivoso, bárbaros, presumido, néscio e impertinente. Podemos perceber a carga semântica negativa que elas carregam e que são direcionadas aos indígenas: com isso, notamos a contradição existente na afirmação de que o índio aparece como um herói. O seu heroísmo só é evidenciado no seu posicionamento como guerreiro, aquele que não desiste da luta, mas que também não a vence.

Esse indígena descrito no período de pré-nação pode ser observado como uma possível pré-criação do que viria a ser consolidado pelo romantismo: um índio aportuguesado, que abdica de sua cultura, vive em função do branco europeu e apenas é utilizado para explicar a gênese do povo brasileiro. Aos índios que não obedeciam a essa descrição eram reservados um destino de morte. E tanto para os que se curvavam aos colonizadores quanto ao que se posicionavam contra eles, não havia espaço para a voz própria, apenas o silêncio, esse que traz intensos significados.

Cunha (2006, p. 61) argumenta que em *Caramuru* – texto épico posterior ao *O Uruguai*, em que Santa Rita Durão reata os elos entre Estado e Religião –, é apresentada uma imagem do indígena bastante distorcida conforme a noção do colonizador: o índio como selvagem, aquele que age e antagoniza o herói português. Na obra de Basílio da

Gama, essa representação do índio é apresentada de modo diferente, pois ele aparece como vencido e de forma desvalorizada, principalmente por não corresponder ao modo de organização sócio-política do colonizador:

Quem podia esperar que uns índios rudes,  
Sem disciplina, sem valor, sem armas,  
Se atravessassem no caminho aos nossos,  
E que lhes disputassem o terreno! (GAMA, 2014, p. 5-6).

O índio aparece, portanto, conforme a ótica colonialista, como sujeito “sem valor”, caracterização que diminui a sua luta na tentativa de defender seus direitos sobre a terra que lhes pertencera até a chegada do branco. No poemeto, o índio luta e tenta se defender; contudo, perante a presença portuguesa, o maior de nativos não foi o suficiente para vencer as armas europeias:

Co’a espada o fere no ombro e na cabeça  
E as penas corta, de que o campo espalha.  
Separa os dous fortíssimos guerreiros  
A multidão dos nossos, que atropela  
Os índios fugitivos: tão depressa  
Cobrem o campo os mortos e os feridos,  
E por nós a vitória se declara (GAMA, 2014, p. 14).

Como descrito, os índios são atropelados, postos literalmente aos pés dos colonizadores. Bosi (2006, p. 67) expõe que os nativos acabam por se curvar aos pés da Coroa lusa, mas permanecem como as únicas criaturas dignas de falar em Natureza e em Liberdade. A reflexão sobre essa afirmação é de extrema necessidade, pois esses indígenas são vencidos de fato, mas não sem qualquer tipo de resistência por parte desses povos, até mesmo porque a luta foi concreta e reinventada em determinado

contexto por Basílio da Gama. Contudo, a afirmação acerca de sua dignidade de cantar a natureza e a liberdade é contraditória, pois esses indígenas perdem o direito de viver conforme sempre viveram, perdem o direito sobre a terra que lhes pertenciam.

Bonnici (2000, p. 265-296) acrescenta a esse respeito que, na escrita de Gama, não existem termos e sinais de linguagem nativa. O estudioso prossegue dizendo que o silêncio nativo é tão abrangente que fica a convicção de que a pessoa colonizada foi riscada pela escrita ocidental. Isso aconteceu na maior parte da Literatura Brasileira: o índio foi descrito sempre pelo outro e não por si mesmo. Em seguida, como já mencionado neste artigo, Bonnici se contradiz ao afirmar que o indígena tem voz que reclama, protesta, exprime desejos e reações diante do avanço colonial:

Sepé, que entra no meio, e diz: Cacambo  
 Fez mais do que devia; e todos sabem  
 Que estas terras, que pisas, o céu livres  
 Deu aos nossos avôs; nós também livres  
 As recebemos dos antepassados. [...]  
 Lhe disse: Ó General, eu te agradeço  
 As setas que me dás e te prometo  
 Mandar-tas bem depressa uma por uma  
 Entre nuvens de pó no ardor da guerra.  
 Tu as conhecerás pelas feridas. (GAMA, 2014, p.11-12).

Entretanto, em *O Uruguai*, o indígena de fato não fala, quem fala por ele é o branco, conforme suas ideologias e intenções. Observa-se imagem do indígena guerreiro, porém a sua luta carrega a bandeira do colonizador, doando-se seu corpo e feridas pela guerra que favorece aos portugueses. O índio árcade idealizado surge representado— conforme o conceito de Spivak (2010) — por Basílio da Gama para atender os interesses do Marquês de Pombal. Contudo, a obra não possibilita que o leitor conheça a outra face da história, as vozes dos aborígenes.

Cabe aqui destacar que a busca por desvendar acontecimentos da história brasileira, sobretudo do período colonial, não é tarefa fácil, uma vez que, muito do que se sabe sobre esse período foi registrado segundo a visão dos vencedores. Nesse processo, sendo reiteradamente fixadas por meio da escrita, certas representações concebidas por alguns indivíduos sobre outros indivíduos ganharam estatuto de verdade e, é por isso que os conceitos depreciativos sobre os povos indígenas permanecem, ainda hoje, atrelados à imagem de ingenuidade e de incapacidade para vilania. Roberto Cardoso Oliveira (1972, p. 67-69) atribuiu isso ao desconhecimento da realidade indígena e a um sistema de valores que causam deformações e mistificações do índio. Acrescenta ainda que a Literatura foi um meio eficaz e propício para as criações e recriações da imagem do indígena.

### Considerações finais

Desse modo, em *O Uruguai*, obra produzida num contexto precedente ao estabelecimento da nação brasileira, podemos perceber que o índio não aparece verdadeiramente como herói. Embora lute, está fadado à derrota ou morte e não tem direito ao controle de sua própria voz, pois há sempre quem fale por ele. Além disso, o indígena, aparecendo textualmente segundo a concepção do europeu, é sujeito a uma abordagem carregada de estereótipos que acaba por minimizar o valor de sua cultura.

O índio romântico, por sua vez, também aparece como guerreiro, aquele que luta. Entretanto sua luta é a favor do homem branco. Do mesmo modo, verifica-se a presença de um intérprete europeu que fala por ele. A diferença é que os índios românticos aparecem como símbolo e meio de construir, por meio da literatura, o povo e a nação

brasileira. No caso de *Iracema*, especificamente, a morte da índia, o nascimento de Moacir – que aliás, receberá de seu pai Martin uma educação nos moldes europeus –, aparecem como destino certo de uma nação mestiça que desponta, e que valoriza muito mais as contribuições advindas do colonizador.

Esse pensamento parece bastante contemporâneo, pois aqueles que detêm o poder – centralizado nas mãos de administradores políticos – demonstram interesse e circulam um discurso de desenvolvimento econômico do país a qualquer preço, mesmo trazendo sérios impactos socioambientais. Trata-se do interesse no território, assim como os colonizadores portugueses, de modo mercadológico e economicamente rentável.

A demarcação de terras é um dos maiores problemas enfrentados pelos povos indígenas desde o primeiro encontro com os colonizadores até os tempos contemporâneos. Contudo, na atualidade, os povos indígenas possuem veículo e acesso à informação para expressarem as suas vozes, que são de resistência e oposição às violências de diversas ordens que sofrem. Com isso, temos a oposição: Brasil, enquanto país, versus os povos indígenas.

Os índios, que mais uma vez são subjugados, continuam sendo postos de lado em função de interesses de uma minoria. Isso reforça ainda mais a noção de que a imagem do nativo se modifica, mas os valores negativos associados a eles se renovam nas diversas situações. Nesse sentido, *O Uruguai* parece extremamente atual.

## Referências

BARBOSA, João Alexandre. *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

BETTENCOURT, Lucia. Cartas brasileiras: visão e revisão dos índios. In: GRUPIONI, Donisete Benxi (org.). *Índios do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Editora Ática, 8. ed., 2007.

CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural*. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2006.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra Castello Branco. Revisão Cezar Mostari. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/366537.PDF>>. Acesso em: 20 maio 2019.

MARCONDES, José Otávio. *O choque entre dois mundos: conquista e resistência no Brasil Colonial*. [Trabalho de conclusão de curso]. Taubaté: Universidade de Taubaté, Curso de História; 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; São Paulo: Editora da USP, 1972.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

**Recebido em 26 de maio de 2019.**

**Aceite em 22 de julho de 2019.**